

**FALAR PRISIONAL:
UMA ANÁLISE SOCIOLINGÜÍSTICA
DAS GÍRIAS UTILIZADAS POR HOMENS E MULHERES
NOS PRESÍDIOS DE CAMPO GRANDE – MS**

Darlene Alves de Oliveira (UEMS)

darlenealves@msn.com

Nataniel dos Santos Gomes (UEMS)

natanielgomes@hotmail.com

RESUMO

A linguagem utilizada de forma natural e cotidiana nas prisões tem algumas particularidades que podem inviabilizar a dialogicidade e consequentemente a interação. Este artigo tem por objetivo analisar a linguagem utilizada por pessoas que cumprem pena em regime fechado, apontando as influências do ambiente físico e social no falar dessas pessoas, que são estigmatizadas pela sociedade. Diante dessas questões, discutiremos situações de interação que emergem no meio prisional pontuando-as sob três aspectos: o primeiro mencionará o uso de uma linguagem específica como resultado do contato interpessoal; o segundo mostrará o fator social e sua interferência no uso de uma linguagem específica e o terceiro discorrerá a respeito do falar prisional e o preconceito linguístico. Serão utilizados aportes teóricos da Sociolinguística recorrendo, principalmente, os estudos de Bagno (2007), Mollica e Braga (2015) e Leite e Callou (2004), em uma perspectiva sócio-histórico-cultural para assim, contribuir para minimizar os efeitos do preconceito linguístico relacionado ao falar prisional.

Palavras-chave: Sociolinguística. Gíria. Análise linguística. Fala.

1. Introdução

O Departamento do Sistema Penitenciário de Mato Grosso do Sul foi instituído através do Decreto nº 26, de 1º de janeiro de 1979 que estabeleceu sua competência e aprovou sua estrutura básica. Trata-se de uma entidade autárquica, vinculada à Secretaria de Justiça – SEJUSP e por ela supervisionada, com personalidade Jurídica de direito público, patrimônio próprio, autonomia administrativa e financeira, sede e foro na capital do estado.

Conta atualmente com 42 unidades que abrigam homens e mulheres nos regimes fechado, semiaberto e aberto e somente na capital, Campo Grande, a lotação compreende, no regime fechado, aproximadamente 4.246 pessoas. Nessas Unidades, não há individualização e direito a vida solitária já que a vivência comunitária lhes é imposta. Surge então, um sistema de interação onde as pessoas usam, em seu cotidiano, um voca-

bulário específico para estabelecer contato e interagir, vocabulário este, que pouco se difere de um presídio a outro ou de uma cidade a outra, pois, segue normas socioculturais que são construídas no processo de interação com padrões particulares que envolvem repertórios linguísticos utilizados, a princípio no contexto prisional, mas que transcende aquele espaço físico uma vez que seus usuários retornam à sociedade.

A linguagem utilizada, de forma natural e cotidiana nas prisões, tem algumas singularidades que podem inviabilizar a dialogicidade e consequentemente a interação, quando não compreendida por um dos interlocutores. Diante dessa questão, analisaremos situações de interação que emergem no ambiente de reclusão pontuando-as sob três aspectos: o primeiro discorrerá sobre o uso da linguagem prisional como resultado do contato interpessoal; o segundo os fatores sociais e sua interferência no uso de da linguagem prisional, o terceiro a linguagem prisional e o preconceito linguístico, finalizando com a exemplificação da frase utilizada no campo coleta de dados.

Para a análise recorreremos ao aporte teórico da sociolinguística com a finalidade de compreender a função da linguagem prisional em uma perspectiva sócio-histórico-cultural e usaremos o exemplo fornecido por um interno do regime fechado de Campo Grande.

Nesse sentido, o presente artigo tem como objetivo analisar a linguagem utilizada nos presídios de Campo Grande relacionando-a com a influência do ambiente físico e social, pois são elementos que marcam significativamente o falar prisional muitas vezes estigmatizado pela sociedade.

2. *O uso da linguagem prisional como resultado do contato interpessoal*

O homem, ser social por natureza, usa a linguagem como expressão do pensamento e como forma de interação. A língua é usada como veículo de comunicação que lhe permite trocar informações, transmitir sentimentos, ideias e manter o contato interpessoal nas esferas: profissional, familiar, pessoal, afetiva e, ao utilizá-la, os usuários não só transmitem os conhecimentos internizados em seu cérebro, como também assimilam o saber de seus interlocutores.

Interagir significa relacionar-se com outras pessoas num determinado contexto observando a situação social em que se está inserido.

Mollica (2015) entende por situação social a forma como duas ou mais pessoas relacionadas entre si se comunicam sobre determinado assunto, e um lugar determinado.

Para que a interação seja exitosa é necessário que a mensagem esteja num código e um contexto comum e que emissor e receptor tenham o mesmo conhecimento de mundo caso contrário, a comunicação será falha. As necessidades de comunicação e de se estabelecer um contato interpessoal faz com que o falante busque estratégias que viabilizem sua interação com os demais membros da comunidade de que faz parte.

Considerando que centenas de pessoas passam parte de suas vidas privadas de liberdade, partilhando o mesmo ambiente, podemos dizer que a linguagem prisional é fruto da interação entre essas pessoas e reflete os conhecimentos partilhados e as experiências vivenciadas, pois uma pessoa ao ser inserida nessa comunidade, por um determinado tempo, passa a utilizar os mesmos vocábulos e o mesmo falar que não só estabelecem contatos, mas que demonstram parceria e sentimentos como: compaixão, solidariedade, amizade e aceitação, fatores preponderantes em qualquer convívio.

A comunidade prisional usa um vocabulário específico, nas situações naturais de interação social e o sentido da mensagem é construído por conta da proximidade e da relação interpessoal de seus interlocutores, naquele contexto.

A relação interpessoal não é o único elemento de importância no uso da linguagem prisional, outros também preponderam como o fator social que será analisado no tópico a seguir.

3. *O fator social e sua interferência no uso de uma linguagem específica*

A interação com uma comunidade linguística, alheia ao convívio habitual, exige reconhecimento dos traços que a identificam e conhecimento do emprego semântico das palavras utilizadas, naquele convívio social, que podem ser divergentes da definição catalogada nos dicionários. É necessário que os membros desse agrupamento social tenham em comum uma variedade linguística, compartilhem as regras de seu uso e que esta atenda as necessidades de comunicação da comunidade que a empregam.

Por isso, é definida por Monteiro (2002) como grupo de falantes que reúne condições específicas de comunicação, preenchidas num dado momento por todos os membros de um grupo e exclusivamente por eles e pode ser de qualquer natureza: estável ou instável, permanente ou efêmero, de base geográfica e social. Pode ser uma nação inteira ou simplesmente os membros de uma comunidade que usam uma determinada gíria ou vocabulário especializado.

Baseado nessa definição, podemos caracterizar os falantes prisionais como membros de uma comunidade linguística que usa um vocabulário específico na troca de informações com a finalidade de compreender e fazer-se compreender no processo de interação. Esses membros buscam unificar a fala no intuito de garantir sua identidade com o grupo, pois desejam a integração já que partilham atitudes, valores e uma linguagem específica.

O conceito apresentado por Leite e Callou (2004) é que para o linguista todo homem é igual não só perante a lei, mas também frente a sua capacidade linguística e que não existe, assim, variante boa ou má, o que ocorre é a variabilidade na produção, muitas vezes determinada por fatores sociais que interferem no uso da linguagem. Dentre os fatores sociais mais notórios estão: faixa etária, nível de escolaridade, condição social e gênero/sexo que apresentam diferenças marcantes. A seguir sinalizaremos as diferenças da variável gênero/sexo, conforme Monteiro (2000 p.71,75)

Homens e mulheres não falam da mesma maneira. Além das diferenças no ritmo e tom de voz, há preferências por certas estruturas sintáticas, pelo emprego de determinados vocábulos ou fórmulas de cortesia, bem como pela omissão de outros em função das conotações que possam apresentar. É fácil supor que existem pressões sociais sobre os falantes para que estes usem as formas de prestígio, que são as da classe dominante. Tais pressões serão mais fortes na mulher, por causa da grande consciência que ela tem de seu status. Isto é um reflexo do fato de que, genericamente falando, espera-se da mulher um comportamento social mais correto. Espera-se que as mulheres utilizem uma linguagem mais polida, mais elegante, mais nobre. Dos homens tolera a linguagem rude, até obscena ou distanciada da língua padrão.

Sabemos que homens e mulheres são iguais perante a lei, porém diferenciam-se em vários aspectos. Dentre algumas diferenças está a forma de falar que conforme assinala Monteiro (2000, p.71):

As mulheres e os homens não falam da mesma maneira. Além das diferenças do ritmo e do tom de voz, há preferências por certas estruturas sintáticas, pelo emprego de determinados vocábulos ou formulas de cortesia. [...]. Há, inclusive, crenças populares de que as mulheres falam muito mais que os

homens ou que falam bem mais rápido.

Levando em consideração que fatores sociais determinam os comportamentos linguísticos e conseqüentemente interfere no uso da linguagem, podemos dizer que os traços da variável gênero serão mantidos na fala de homens e mulheres, dentro do contexto prisional.

4. A linguagem prisional e o preconceito linguístico

Os membros da comunidade linguística prisional são pessoas suspeitas ou autoras de uma infração penal, discriminadas pelo seu estilo de vida e com uma imagem negativa frente à sociedade que, muitas vezes, demonstra o seu descontentamento através do dito popular que diz “bandido bom é bandido morto”. Usam um vocabulário diferenciado que é depreciado porque o enfoque da mídia se restringe ao ato criminoso e causa um efeito negativo que fortalece o preconceito e aumenta a discriminação.

Baseado no senso comum de que tais pessoas deveriam desaparecer, subentende-se que a variante utilizada por elas também não seja aceita e conseqüentemente seja estigmatizada como algo ruim sem que se leve em consideração a adequabilidade e aceitabilidade descrita por Magno (2007, p. 118) que diz:

Em termos de língua, tudo vale alguma coisa, mas esse valor vai depender de uma série de fatores. Falar gíria vale no lugar certo, no contexto adequado, com as pessoas certas. E que a língua é como um grande guarda-roupa, onde é possível encontrar todo tipo de vestimenta. Usar a língua, tanto na modalidade oral como na escrita, é encontrar o ponto de equilíbrio entre dois eixos: o da adequabilidade e o da aceitabilidade.

A frase pronunciada por um detento do regime fechado de Campo Grande com os dizeres: “Foi seu Zica que pôs pilha em você para mandar o bereu pra mim, agradecendo o bagulho para fazer mula comigo”. Atende os eixos da adequabilidade e aceitabilidade dentro daquele contexto, mas fora dele não será aceita, nem considerada adequada pelo fato de fugir a regra imposta pela gramática normativa, que se baseia nos usos linguísticos de uma elite letrada, e por ser usada por integrantes de um grupo social de status considerado “inferior”. Para Monteiro (2000) a variação linguística pressupõe a valorização social, as variantes empregadas por falantes dos estratos mais baixos da população em grande parte são estigmatizadas. O preconceito é tanto mais forte quanto maior for a identificação da forma com a classe discriminada.

Por esta razão, palavras como: *Zica, pilha, bereu, bagulho e mula* usadas, com frequência, por uma classe estigmatizada, podem ser inseridas dentro do rol de palavras que enfrentam o preconceito linguístico já que o falante não é da classe dominante e a variável utilizada não possui prestígio social. Na frase acima houve o emprego da língua portuguesa como veículo de comunicação, mas a utilização de léxicos com um sentido diverso da definição metalinguística apresentada pelos dicionários contemporâneos pode levar a perda da eficácia comunicacional se um dos interlocutores não identificar o valor semântico das palavras no contexto que está empregado, pois não conseguirá decodificar a mensagem pelo fato de ser de uso específico de um grupo social que mostra uma variação correlata somente àquela comunidade linguística. Certamente sofre preconceito por não estar em conformidade com a gramática conservadora que goza do prestígio sociolinguístico e por não estar associada a falantes de *status* considerado inferior.

Foram utilizados de uma forma diferente os recursos presentes na língua portuguesa, mas não podemos chamar de erros um fenômeno que está presente num grande número de falantes. Bortoni Ricardo (2004), tampouco taxar de errada uma frase pelo fato de ser de uso exclusivo de um contexto social. Tal atitude reflete preconceito, pois segundo Bagno (2007, p. 38):

O preconceito linguístico se baseia na crença de que só existe, uma única língua portuguesa digna de ser aceita, ensinada nas escolas, explicada nas gramáticas normativas e catalogadas nos dicionários e qualquer manifestação linguística que escape desse triângulo escola-gramática-dicionário é considerada, sob a ótica do preconceito linguístico, “errada, feia, estropiada, rudimentar, deficiente.

Para esse estudioso é preciso reconhecer a existência do preconceito linguístico e tentar combatê-lo e para contribuir com o combate elenca *dez cisões* que levam a uma nova postura e a ruptura das velhas doutrinas gramaticais. Das quais, três serão mencionadas a seguir:

a) Conscientizar-se de que todo falante nativo de uma língua é um usuário competente dessa língua, por isso ele sabe essa língua; b) Aceitar a ideia de que não existe erro de português. Existem diferenças de uso ou alternativas de uso em relação à regra única proposta pela gramática normativa; c) Respeitar a variedade linguística de toda e qualquer pessoa, pois isso equivale a respeitar a integridade física e espiritual dessa pessoa como ser humano, porque a língua permeia tudo, ela nos constitui enquanto seres humanos Nós somos a língua que falamos. A língua que falamos molda nosso modo de ver o mundo e nosso modo de ver o mundo molda a língua que falamos. (BAGNO, 2007, p. 129-131)

Por isso, é preciso levar em conta o contato interpessoal, associado aos fatores sociais a que o falante está inserido e não fazer julgamentos de certo ou errado, mas respeitar as diferentes formas de falar, lutando sempre contra toda forma de discriminação e exclusão social pela linguagem.

5. Análise dos dados

Vejam os significados das palavras utilizadas na frase: “Foi seu Zica que pôs pilha em você para mandar o bereu pra mim, agradecendo o bagulho para fazer mula comigo”. Utilizada na unidade masculina denominada: Instituto Penal de Campo Grande, pelo interno “X”, em 2015.

Palavras	Significado nas prisões
zica	Rolo / pessoa má
pilha	incentivar
bereu	bilhete
bagulho	Objetos e pertences dos presos
mula	Tirar um sarro / zombar de alguém

6. Considerações finais

Esse artigo apresentou uma análise sociolinguística da linguagem utilizada, por homens e mulheres, no sistema prisional de Mato Grosso do Sul, mostrando vocábulos específicos que podem dificultar a compreensão de uma mensagem durante o processo de comunicação, quando não compreendida por um dos interlocutores e também a influência dos fatores sociais na aquisição dessa linguagem.

Por isso, é preciso levar em conta o contato interpessoal, associado aos fatores sociais a que o falante está inserido e não fazer julgamentos de certo ou errado, mas respeitar as diferentes formas de falar, lutando sempre contra toda forma de discriminação e exclusão social pela linguagem.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAGNO, M. *Preconceito linguístico*. O que é, como se faz. São Paulo: Loyola, 2007.

BORTONI-RICARDO, S. M. *Educação em língua materna: a sociolin-*

guística na sala de aula. São Paulo: Parábola, 2004.

CALVET, L. J. *Sociolinguística, uma introdução crítica*. Trad.: Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola, 2002.

MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L. (Orgs.). *Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação*. São Paulo: Contexto, 2003.

MONTEIRO, J. L. *Para compreender Labov*. Petrópolis: Vozes, 2000.

TARALLO, F. *A pesquisa sociolinguística*. São Paulo: Ática, 1995.